

COMISSÃO DA VERDADE

PRESIDENTE

DEPUTADO ADRIANO DIOGO – PT

16/10/2013

COMISSÃO DA VERDADE**BK CONSULTORIA E SERVIÇOS LTDA.****16/10/2013**

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT– Boa noite! Vamos dar início a esta sessão da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo. Octogésima Sétima Audiência Pública, 16 de outubro de 2013, Auditório Aldo Ivo Vincenzo, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia São Paulo.

Está instalada a Octogésima Sétima Audiência Pública da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo Rubens Paiva, no dia 16 de outubro de 2013, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, no Auditório Aldo Ivo Vincenzo, para a oitiva de depoimentos e homenagem a Eremias Delizoicov.

Esclarecemos que a Comissão da Verdade pretende realizar todas as audiências abertas ao público. O que é a Comissão da Verdade? Comissão da Verdade é uma Lei Federal que tem por objetivo analisar todos os crimes cometidos durante a ditadura militar que se instalou no Brasil em 1964 e acabou em 1985.

Nesse período, por motivação política, mais de 500 pessoas foram mortas e desaparecidas e 70 mil brasileiros foram presos. Esse é o objetivo do trabalho da Comissão da Verdade, por isso que estamos fazendo esta sessão hoje, aqui na Escola Técnica Federal, no Instituto Federal de Educação do ex-aluno Eremias Delizoicov. Vou passar a palavra para o Reitor do Instituto Federal de Educação, Professor Eduardo Antonio Modena, que faça a recepção como anfitrião. Com a palavra o Professor Eduardo.

(Aplausos)

O SR. ANTONIO EDUARDO MODENA – Boa noite a todos. É uma honra poder ceder nossas humildes acomodações para tamanha importância, tamanha a envergadura do ato que se realiza neste momento.

Nós nos envergonhamos de não conhecer a história do Eremias. Devemos confessar que, saber que um aluno nosso conseguiu se desvencilhar, se desvincular de sua vida cotidiana para assumir posturas políticas de tal envergadura é para nós, foi para nós uma surpresa. E, para que serve uma escola, não é? Afinal de contas o que uma escola faz na vida de uma pessoa?

Será que é só para nos formarmos ou para a escola instrumentalizar nossos alunos para o mercado de trabalho? Ou será que é mais do que isso? Será que é para darmos cidadania, elementos vitais da vida de um país. Será que uma escola não serve para colocar valores, para evidenciar posturas? Para que serve a escola?

Então quando nós nos vemos, num passado muito recente, que essa escola serviu de berço, ajudou a formar não apenas ótimos técnicos que se tornaram engenheiros, se tornaram arquitetos, não é? Tornaram-se engenheiros mecânicos, eletrotécnicos, num passado mais recente licenciados em turismo, matemática, física. Saber que a escola, essa escola, que tem tanta gente em lugares tão importantes da sociedade também serviu para formar, para dar substrato, para dar inspiração a tamanho ato de coragem desse então menino, um menino como qualquer um dos meninos que estão aqui na sala, ou que estão em sala de aula.

Ou meninos que são professores hoje, mas que estiveram aqui como é o meu caso. Essa inspiração eu acho que é a tônica do que é o nosso dever como educador, dever como escola. É lançarmos sementes de cidadania, sementes de liberdade, sementes de coragem. Essa é a inspiração que eu acho que nós deveríamos cultivar.

E saber que a gente fez isso no passado e, por algum motivo, nós deixamos de cultivar ou de lembrar, de fazer lembrança dessa memória tão viva como é o caso do Eremias. Isso ao mesmo tempo nos deixa alegre de sabermos que alunos tiveram este tipo de formação, mas também nos deixa um pouco tristes de não fazermos memória.

Então, isso não vai ficar assim. O Centro de Memória é uma das reivindicações que a gente descobriu em campanha. Em campanha recente Diogo, nós somos uma reitoria recém-empossada, esse Centro de Memória é uma das notícias que a gente gostaria de dar para que tudo o que de bom, tudo o que de importante e principalmente, tudo de corajoso que nós como ex-alunos, como ex-professores, ex-servidores, tudo o que a gente plantou que fique preservado.

E, terminando, para que a gente cultue sempre a questão da história. A história, ela tem que servir para algumas coisas, mas principalmente para nós não deixarmos algumas arbitrariedades voltarem.

Essa é uma das funções que eu vejo, e me perdoem os historiadores na sala, um engenheiro falando obviamente nós temos estas limitações, mas, pelo menos a gente tem que saber do que aconteceu para não deixar as coisas ruins, as coisas que nós não aceitamos voltarem.

Então, eu espero que essa recepção que nós fazemos para a Comissão da Verdade sirva de inspiração não só aos professores, aos servidores, mas principalmente aos alunos para que este ato do Eremias em busca de defender a liberdade, defender a isonomia, defender o direito de se pensar, que isso fique como marca para toda a comunidade, para todos os alunos que estão aqui na sala e para que isso ecoe, para que esse ato de coragem que o Eremias teve de defender todos esses ideais, que isso se perpetue e que isso seja uma marca dessa escola, além de todas as outras boas marcas que nós temos tentado edificar.

É isso, Diogo. É um prazer enorme receber a Comissão da Verdade e que os trabalhos aconteçam em bom termo e boa sorte a nós.

(Aplausos)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT– Obrigado. Bom, então agora a gente vai desfazer essa Mesa de Abertura e vamos fazer no telão uma retrospectiva da vida do Eremias. Aí a gente volta para a Mesa e começa o ato formal, está bom?

Então nós vamos fazer uma interrupção, uma breve, vai projetar toda a vida do Eremias aqui e a gente continua o ato. Vamos lá.

O SR. RENAN QUINALHA – Boa noite. Eu sou Renan Quinalha da Assessoria Técnica da Comissão da Verdade, ex-aluno aqui da escola também.

Eu vou fazer então a leitura do memorial que contém os dados biográficos e os dados sobre a morte do Eremias. É um texto um pouco longo, mas é importante tanto como uma apresentação do caso, como também para ilustrar a luta e a busca que a família empreendeu durante todos estes anos para levantar as informações, por conta própria, sobre o que aconteceu com o Eremias.

“O Eremias nasceu em 27 de março de 1951 em São Paulo. Filho de Jorge Delizoicov e Liubov Gradinar Delizoicov. Morto em 16 de outubro de 1969, militante da Vanguarda Popular Revolucionária, VPR.

Eremias foi assassinado em 16 de outubro de 1969, na Rua Tocopi, 59 em Vila Kosmos, Rio de Janeiro, quando teria reagido ao cerco montado pelos agentes do DOI-CODI do Rio de Janeiro que tentavam prendê-lo. Sua casa foi cercada pela polícia do Exército comandada pelo então Major Ênio de Albuquerque Lacerda.

Seu corpo entrou no IML do Rio de Janeiro pela guia 471 da 27ª Distrito Policial em 17 de outubro de 1969 como desconhecido. A necropsia foi feita pelos médicos Elias Freitas e Hygino de Carvalho Hercules que confirmaram a sua morte em tiroteio. Essa necropsia foi enviada ao Tenente Coronel Ary Pereira de Carvalho, do Primeiro Exército em 04 de novembro de 1969, respondendo ao ofício 164 IPM de 21 de outubro de 1969 com o seguinte teor:

“A fim de instruir os autos do IPM de que sou encarregado pelo Exmo. Sr. General Syzeno Sarmiento, Comandante do Primeiro Exército, solicito a V. Sa., determinar o atendimento dos seguintes quesitos. Termo de necropsia do cidadão José Araújo de Nóbrega, morto em ação policial ocorrida cerca das 11 horas do dia 16 do corrente, na Rua Tocopi, número 59, Vila Kosmos, no Estado da Guanabara.

Comparecimento ao Hospital da Guarnição da Vila Militar de Médicos Legistas a fim de procederem a exames de corpo de delito nos militares, Major Ênio de

Albuquerque Lacerda, Capitão Ailton Guimarães Jorge e Cabo Mário Antônio Povoleri, feridos na mesma ação.

O óbito foi lavrado em nome de José Araújo de Nóbrega, tendo o cadáver um reconhecimento forçado, feito pelo irmão de José Araújo, Francisco Araújo de Nóbrega, preso à época. Eremias foi enterrado no Cemitério São Francisco Xavier, em 21 de outubro de 1969, na cova 59.262, quadra 45.

Os órgãos de repressão aparentemente pareciam confusos e não sabiam qual a verdadeira identidade daquele cadáver. No entanto, era pura encenação para, mais uma vez, cometerem o crime de ocultação de cadáver.

De fato, as impressões digitais de Eremias Delizoicov já estavam confirmadas pelo datiloscopista da Delegacia de Crimes contra a Pessoa, de São Paulo, em 11 de dezembro de 1969, conforme comunicado 76/69 da Secretaria de Segurança Pública. Ou seja, ao enterrarem aquele cadáver, sabiam que era de Eremias Delizoicov.

A perícia registra que Eremias foi atingido por disparos de armas de fogo e apresentava ferimentos lácero-contusos, cuja procedência seria verificada na necropsia. Os legistas Elias Freitas e Hygino de Carvalho Hércules atestaram ferimento transfixante da cabeça com dilaceração do encéfalo e, para facilitar o trabalho, passaram a identificar os orifícios de forma agrupada. Ao todo, são descritas 19 lesões de entrada e 14 de saída de projéteis no corpo de Eremias. Citaram, ainda, pelo menos 29 disparos nas paredes da casa.

O relatório do Ministério da Aeronáutica, encaminhado ao Ministro da Justiça Maurício Corrêa em 1993, afirma que foi *“morto em 16 de outubro de 1969, em tiroteio com membros dos Órgãos de Segurança”*. O relatório da Marinha atesta que Eremias *“morreu ao resistir ao cerco da Polícia do Exército, em Vila Kosmos/Rio de Janeiro”*.

Somente em 1993, após ação judicial, a família conseguiu o atestado de óbito de Eremias, além da necropsia e 31 fotos de perícia do local no ICE 658/69.

O longo laudo de perícia de local encontrado no ICE do Rio de Janeiro contendo dez páginas, descreve o desalinho em que se encontrava a casa onde Eremias foi morto, testemunhando uma verdadeira operação de guerra. Documento da Santa Casa de

Misericórdia do Rio de Janeiro afirma que, em 25 de maio de 1975, os restos mortais de Eremias foram incinerados “como era de praxe”.

No Arquivo do DOPS do Rio de Janeiro consta documento do Cenimar de nº 189, de 23 de julho de 1970, que traz uma relação de militantes do COLINA, VAR-Palmares e VPR e sua situação em 15 de junho de 1970, em que estão registrados os nomes de José Araújo Nóbrega como banido, e o de Eremias Delizoicov como morto.

A versão oficial sobre a morte de Eremias foi publicada no “Diário da Noite”, de 21 de outubro de 1969, abre aspas.

“Um morto e três feridos foi o saldo trágico de uma diligência feita pelas autoridades da PE da Vila Militar, no bairro da Vila Kosmos, na zona norte, visando deter um grupo de subversivos que se homiziava num aparelho descoberto pela polícia.

Agentes da PE, comandados pelo Major Lacerda, quando chegaram próximos ao aparelho jogaram uma granada dentro da casa, para obrigar os que lá estivessem a sair e se entregarem. Após a explosão, quando o Comandante Lacerda entrou no imóvel, acompanhado do Capitão Aílton Guimarães e do Cabo Mário Antônio Poveroli, foram baleados. O Major foi ferido na perna esquerda, o Capitão na coxa esquerda e o Cabo no braço esquerdo, com fratura exposta. O elemento, após ferir os militares, foi fuzilado e morto por agentes que participavam da diligência. O aparelho foi denunciado por um jovem de uns 20 anos presumíveis, que se encontrava preso na Vila Militar e sua identidade está sendo mantida em sigilo”.

O jornal “O Estado de São Paulo” de 21 de outubro publicou que o morto naquele tiroteio fora identificado como o Sargento José de Araújo Nóbrega, militante da VPR, e que o corpo fora reconhecido por seu irmão no IML, levado ao reconhecimento após permanecer preso por 48 horas. Em 6 de fevereiro de 1970, o “Diário da Noite” publicou que o DOPS/São Paulo esclarecera que o morto não era o Sargento Nóbrega e sim Geremias Dezoiko, conforme escrito equivocadamente.

Na Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos, o caso levou mais de um ano para ser votado após o indeferimento apresentado pelo relator Paulo Gustavo Gonet Branco, em 18 de março de 1996, quando Suzana Lisbôa pediu vistas. A discussão que se estabeleceu fez com que, sob a orientação do presidente Miguel Reale

Júnior, fosse feito o primeiro dos muitos pedidos de vistas que se sucederam nos trabalhos da Comissão.

Suzana Lisbôa apresentou seu relatório em 2 de outubro de 1997, do qual fez parte o parecer do perito Celso Nenevê. Luis Francisco Carvalho Filho, que não participara da primeira discussão, também pediu vistas e, em dezembro, o caso foi finalmente votado. Paulo Gustavo Gonet Branco votou pelo indeferimento por considerar que as informações constantes dos autos levavam a crer que a morte de Eremias ocorrera em função de tiroteio com as forças de segurança. Reconheceu o ataque maciço e o emprego de potente material de destruição, mas concluiu não ser possível afirmar que a morte se dera quando os agentes dominavam, sem resistência, o local.

Suzana Lisbôa questionou se estariam realmente os órgãos de segurança confusos em relação à identidade do morto, conforme demonstram as muitas matérias divulgadas na Imprensa, ressaltando parecer impossível que a diferença de mais de dez anos entre Eremias e o Sargento Nóbrega não tenha sido notada pelos legistas que examinaram o corpo. E, ainda, que não tenham os órgãos de segurança providenciado a retificação dos registros de óbito e tampouco possibilitado que o corpo fosse entregue à família.

O parecer do perito Celso Nenevê, feito a pedido da Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos, analisa os laudos de perícia e de exame cadavérico comparando-os com as fotos.

Nenevê identificou ferimentos não descritos no laudo, e se deteve na análise dos ferimentos lácero-contusos, já que, das 19 lesões produzidas por projéteis de arma de fogo, nada pôde afirmar quanto à reação vital, em virtude da qualidade e distância em que foram feitas as fotos. Os peritos descrevem 29 impactos de projéteis nos diversos cômodos da residência, mas estranhamente não verificaram ou não descreveram os disparos feitos do interior para o exterior.

Ressalta que a posição do corpo, pela foto, não é compatível com sua posição de repouso final, nem tampouco é condizente com a mancha de sangue que aparece na parede. A descrição de tiros nas janelas e, até, o ponto de repouso final dos fragmentos de vidro oriundos desses tiros, permitem concluir que ali não houve explosão capaz de

causar as lesões descritas. Pelos documentos apresentados, portanto, não foi possível ao perito entender a dinâmica do ocorrido, pois, se a explosão que mutilou o cérebro e grande parte do corpo de Eremias não ocorreu na casa, mas teria lhe causado morte cerebral, isso o impossibilitaria de efetuar qualquer disparo. O perito concluiu que, abre aspas.

“A vítima apresenta contusões profundas com rupturas de órgãos, dilacerações do tecido muscular e fragmentação de tecidos ósseos, em diversas regiões anatômicas do corpo, com características daquelas produzidas por onda de choque, oriunda da detonação de artefato explosivo.

Dada a ausência de fragmentos do invólucro, ou de outros elementos componentes deste artefato, no interior do cômodo ou da residência, ou ainda no interior do corpo, é indicativo que o artefato que gerou as lesões com sua explosão não seja do tipo fragmentável, salientando-se que as granadas, quer do tipo ofensiva ou defensiva, salvo melhor juízo, iriam gerar fragmentação.

Pelo descrito, e pelo que pode ser observado nas fotografias do local, a residência em apreço não porta as características que em seu interior tenha ocorrido uma explosão, uma vez não ter sido verificado o quebramento das vidraças, ausência da descrição de um epicentro desta explosão no local, ou danos no piso, paredes ou demais estruturas, bem como a presença de fragmentos de terra no interior do pescoço da vítima, muito provavelmente levados pela onda de choque, sendo que terra é um elemento que não é comum no interior de uma residência.

Dada a grande intensidade das lesões que experimentou a vítima em função da onda de choque, é praticamente certo o estado de, no mínimo, morte cerebral da vítima, o que, após as suas produções, impediram que ele apresentasse condições de ataque, defesa ou fuga. Isto posto, e tendo acontecido as lesões pela onda de choque em primeiro lugar, as quais mutilaram o cérebro e grande parte do corpo, seria praticamente impossível que ele tivesse efetuado algum disparo. E conclui o perito, onde estas lesões se produziram já que a residência não foi este local, e ainda como foi ter naquele local após a explosão, estes são questionamentos que não puderam ser esclarecidos pela falta de elementos materiais no caso.”

Apontando a falsidade da versão oficial, a conselheira Suzana Lisbôa respondeu ao questionamento feito por Paulo Gustavo Gonet Branco, ressaltando que, segundo a perícia, teriam sido disparados 3 tiros da arma encontrada junto a Eremias, e foram 3 os policiais feridos. Pergunta a conselheira, “teria Eremias com cada um dos tiros, cercado, sob cerrado tiroteio, granada detonada na casa, conseguido a extrema proeza de acertar os policiais, um na perna esquerda, outro na coxa esquerda e outro no braço esquerdo? E mesmo que tivesse Eremias, mais do que exímio atirador, acertado os 3 policiais, o que examina a Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos são as circunstâncias da morte dos militantes. A violência extrema que se evidencia nas fotos e no laudo falam por si”, concluiu Suzana Lisbôa ao pedir a aprovação do requerimento.

O conselheiro Luís Francisco Carvalho Filho acompanhou o voto de Suzana Lisbôa, ressaltando as evidências demonstradas pelo laudo de Nenevê e que, “mesmo admitindo, em tese, que o militante resistira armado ao cerco da polícia política, a prova dos autos aponta para uma execução e não para a imobilização e detenção do infrator, como autoriza e autorizava a lei então em vigor”. Destacou que a versão oficial não merece credibilidade, pois os fatos não aconteceram como relatados pelas autoridades militares. Agregou que “a prova material indica intenção nítida de eliminar, não de dominar e conter, ainda que em virtude da alegada reação da vítima, capaz de atingir 3 agentes. O excesso é inquestionável e injustificável”.

O caso foi finalmente deferido em 2 de dezembro de 1997, por 4 votos a favor e 2 contrários sendo estes, os do relator Paulo Gustavo Gonet Branco e o do General Oswaldo Pereira Gomes.

Os familiares de Eremias, ao receberem a indenização paga pelo Estado, doaram o valor para a criação do site www.desaparecidospoliticos.org.br, organizado pela Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos. A comissão passou a denominar o acervo custodiado de Centro de Documentação Eremias Delizoicov.

Seus companheiros da VPR homenagearam-no dando seu nome a um dos campos de treinamento de guerrilha, no Vale do Ribeira no Estado de São Paulo.

Essas informações foram retiradas do Dossiê feito pelo IEVE e pela Comissão de Familiares de Desaparecidos Políticos.

(Aplausos)

A SRA. VIVIAN MENDES - A gente vai tentar mostrar as fotos do Eremias assassinado. Eu vou tentar trocar o computador e peço a paciência aí para a gente ver se vai dar certo. Só um minuto.

Essas duas fotos aqui são do Eremias morto no dia 16 de outubro. Ali em cima e essa aqui embaixo, é isso não é, Amelinha? A gente só tem essas no livro, não é Amelinha?

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT– Vamos formar a Mesa? Pela ordem da hierarquia, desculpem usar o termo convidar, porque na realidade nós é que estamos sendo convidados e muito bem tratados. Queria pedir para compor a Mesa o Professor Wilson de Andrade Matos que é pró-reitor do Instituto Federal.

(Aplausos)

Em seguida o Professor Luís Claudio de Matos Lima Junior, diretor-geral do campus de São Paulo do Instituto Federal.

(Aplausos)

Depois a professora Alice Reis de Souza, vice-diretora do campus de São Paulo.

(Aplausos)

Em seguida, o professor Demétrio Delizoicov, irmão de Eremias.

(Aplausos)

Capitão Darci Rodrigues, ex-militar, não? Valdir de Oliveira, professor de Eremias desta instituição à época.

(Aplausos)

A companheira Guiomar Silva Lopes, ex-presa política, Comissão da Verdade, da UNIFESP Marcos Lindenberg, professora Guiomar.

(Aplausos)

Aline Bailo, presidente do Grêmio Charles Chaplin.

(Aplausos)

Então, vou passar a palavra para o pró-reitor, perdão, onde está aqui? Não está na minha lista, Paulo Bonfim, SINASEFE. Ah! É que está cortando... Paulo Bonfim.

(Aplausos)

Paulo, queria te pedir desculpas, é que quem viria para a Mesa era o Felipe Queiroz, aí riscaram o nome e não houve, vou pedir desculpas publicamente. O

importante é que você está aqui, Paulo Bonfim, está aqui, está escrito a mão. SINASEFE, São Paulo.

Bom, sem mais delongas, vou passar a palavra para o professor Wilson de Andrade Matos para fazer a sua saudação, professor Wilson.

O SR. WILSON DE ANDRADE MATOS – Boa noite a todos, boa noite à Mesa. Acho que o professor Eduardo Modena já falou que nós é que ficamos agradecidos por poder nesse dia fazer a memória do estudante Eremias. Nós que estamos à véspera dos 50 anos da ditadura militar, início da ditadura militar. No ano que vem faremos 50 anos, período nefasto da nossa história, mas que nós como já mencionado aqui, nós temos que remontar a memória.

Eu acho que o professor Modena lembrou a questão do nosso Centro de Memória, a construção deste Centro de Memória é, tanto a questão da educação profissional, mas também destas pessoas que compuseram a instituição.

Muitas vezes nós estamos preocupados com as pessoas que estão em postos, ocupado os postos, mas as pessoas que constroem essa sociedade quando a Educação adquire realmente este papel de transformação que é o papel da Educação. A gente tem realmente pessoas que possam como o Eremias, não é? Transformar, buscar a transformação da sociedade e este momento agora é um momento de reparação.

Reparação da memória dele enquanto uma juventude ceifada como muitos outros naquele momento histórico, não é? Que, na maioria, a grande maioria, jovens, não é? Uma juventude interrompida, uma juventude que como muitos aqui presentes sonhavam e sonham, com um país melhor, não é? Infelizmente os aparelhos de repressão, como nós podemos ver nos relatos aí do Memorial, não é? Sempre escondendo, sempre na contrapartida dessa transformação.

Eu quero agradecer a Comissão da Verdade pela, por nós podermos sediar isto aqui na nossa instituição, para tentar retomar a memória do Eremias, quero agradecer a presença de todos aqui na Mesa, toda Mesa que está aqui presente. O seu irmão, não é? O Demétrio, os professores, na figura do Valdir, não é? Os companheiros como, que estiveram com ele na luta, não é? Para a gente tentar, eu acho que este momento

realmente de recobrar a memória, de poder fazer esta reparação, que é o momento de desvelar.

Desvelar no sentido realmente tirar os véus, não é? Tirar, desvelar na questão da vela que nós pensamos do luto, tudo o mais, então este é o momento de desvelar a verdade. Obrigado.

(Aplausos)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT– Queria passar a palavra para o professor Luís Claudio de Matos Lima Junior, diretor geral do campus São Paulo do Instituto Federal.

O SR. LUÍS CLAUDIO DE MATOS LIMA JUNIOR – Obrigado. Boa noite a todos e a todas. Membros da Mesa, caro Demétrio, irmão do Eremias.

A questão toda é simplesmente a seguinte, o que nós estamos fazendo aqui? Porque esta homenagem a uma pessoa que morreu há tanto tempo? Tudo bem, ele era aluno da Federal, mas porque fazer esta homenagem? A questão é que uma sociedade ela só evolui no momento em que ela olha para o seu passado, enxerga os seus erros e não os comete mais.

Então, o Eremias, ele é um exemplo vivo daquilo que nós não podemos fazer, daquilo que nós temos que evitar. Então, este evento tem duas conotações. Primeiro para a sociedade como um todo para que saibamos quais foram os erros que cometemos no passado, quais foram os erros que nos fizeram chegar até aqui. Quantas vidas foram ceifadas, quantas famílias foram destruídas simplesmente porque as pessoas não pensavam da forma que os governantes pensavam. Queriam uma coisa diferente, lutavam para isso.

Essas famílias foram destruídas, as vidas destas pessoas foram destruídas e nós não podemos deixar que isto caia no esquecimento. As nossas gerações e as gerações

futuras têm que constantemente estar lembrando os Eremias que passaram pelo nosso planeta.

Para quê? Para que não cometamos o mesmo erro. Para nós o exemplo dele é muito importante porque mostra o quão dura é a realidade quando a gente enxerga ela de perto. Quando a gente vê as fotos do Eremias morto, e deve ser muito duro para a família até hoje ver isso, e as coisas que aconteceram.

Porque a gente está falando isso? Porque vira e mexe a gente escuta gente falando isso “ah! Na época da ditadura é que era bom. As coisas eram controladas”. Mas a que preço? Controladas de forma artificial, controladas a ponto de você não poder abrir a boca senão você era acusado de terrorista, e muitas vezes assassinado sem a menor chance de defesa.

Agora, isso é para nós e para a família? Eu não preciso explicar para a família o quão duro foi essa época. O quanto a gente sofreu. Eles sofreram muito mais do que todos nós. Eles foram ceifados de um membro de sua família. E aí? Então porque a presença deles aqui? Para mostrar que a vida do Eremias não foi em vão, a morte dele não foi em vão.

Que apesar dele ter morrido, de ter sido duro e com certeza foi para todos os membros da família. Hoje nós estamos aqui nos reunindo para recordar o que se passou com ele para que nunca mais volte a acontecer. Para que nós não deixemos mais que isso seja uma mancha negra na nossa história. Para que a gente não aceite mais que isso possa acontecer.

E aí vem a grande preocupação. No meu ponto de vista a ditadura ainda não terminou.

(Aplausos)

Basta a gente verificar os Amarildos da vida que desaparecem constantemente até hoje, e nós não podemos mais aceitar isso. Até quando nós vamos aceitar essa ditadura que continua nas delegacias da periferia com cenas de tortura, de choque,

coisas que quem já trabalhou junto com o pessoal da polícia sabe disso. Óbvio, não são todos os policiais, não são todas as pessoas. A maior parte deles são pessoas de bem, mas ainda existem aqueles que acham que a tortura é válida a qualquer custo.

Então, nesse momento nós queremos agradecer aqui a presença de todos os membros da Comissão da Verdade, do Demétrio que é irmão do Eremias, *tá?* Sabemos o quanto é duro para eles reviverem esta história até hoje, mas por isso nós queremos passar para as mãos do Demétrio o, um exemplo da nossa, do nosso respeito ao Eremias.

Nós estamos entregando aqui pessoalmente, Demétrio, o certificado de formatura do Eremias, *tá?* Como aluno formado, *tá?* Aqui no Instituto Federal de São Paulo.

(Aplausos)

Plateia: “Agora e sempre, Eremias presente! Agora e sempre!”

Queremos passar também uma homenagem póstuma da escola, *tá?* Ao Eremias e também o dossiê de todo o histórico escolar dele para que a família tenha a recordação de que a vida e a morte dele não foram em vão. Ele nos ensinou muito. Obrigado.

(Aplausos)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT– Passar para o professor Valdir direto, professor.

O SR. VALDIR DE OLIVEIRA – Boa noite a todos e a todas que estão presentes nesta homenagem que está sendo feita para o nosso ex-aluno Eremias Delizoicov.

Essa homenagem é muito merecida porque Eremias é um ex-aluno dessa escola, assim como eu também sou, da época de 1950. A partir de 1965 comecei a ministrar aulas nesta escola e cheguei a conviver com o nosso aluno Eremias. Conheci, ministrei aulas a ele, conversamos sobre diversos assuntos e causou muita estranheza para toda a escola, para todos os membros desta escola, funcionários, professores, enfim, todos aqueles que conviviam nesta casa de ensino. Quando tivemos notícia do desaparecimento de Eremias Delizoicov sem uma explicação plausível para este acontecimento houve uma revolta muito grande dentro da escola.

A partir desse momento começamos a tomar, a adotar uma nova forma de convivência dentro desta escola. Infelizmente éramos obrigados a conversar só aqueles assuntos que eram permissíveis e os assuntos não permissíveis nós só conversávamos em locais em que houvesse a possibilidade de se conversar sem que houvesse ninguém para condenar aquilo que estivéssemos conversando ou fazendo.

Felizmente, essa data, infelizmente esta data trouxe um transtorno muito grande para toda a coletividade desta escola. E a partir dessa época começamos a ter uma nova forma de trabalho procurando de todas as formas transmitir aos nossos alunos tudo aquilo que sentíamos dentro de nós em relação aos alunos e dávamos liberdade a eles de transmitirem também a nós tudo aquilo que eles sentiam. Só que essas nossas conversas precisavam ser muito reservadas para que as consequências funestas não ocorressem mais dentro desta escola.

Sou agradecido imensamente por tudo o que essa escola me forneceu. Ensino, diplomas, emprego e principalmente a amizade de toda esta coletividade. Embora eu esteja afastado da docência, estou ainda ligado a essa escola dentro do nosso sindicato, SINASEFE. Espero ainda poder, de todas as formas possíveis, estar transmitindo a este pessoal, a esta coletividade tudo aquilo de bom que eu conheci dentro dessa escola.

E aquelas coisas mais que aconteceram aqui devemos apagar totalmente da nossa memória. Sou agradecido a tudo que essa escola me forneceu. Sou agradecido

àquilo que eu recebi dessa escola e principalmente a consideração que eu sempre tive desta coletividade.

Espero poder ainda, dentro daquelas atividades que eu exerço aqui, estar servindo a toda esta coletividade através do nosso trabalho sindical. Que todos levem em consideração que o sindicato é uma parte preponderante dentro dessa escola. É aquela parte que defende os nossos interesses como servidores públicos federais.

Infelizmente aquilo que aconteceu naquela época, no militarismo, deixou marcas profundas, mas o que nós devemos fazer é esquecer este período negro e fazer com que sempre possamos, da melhor forma possível, atender principalmente a esses alunos que vêm procurar nesta escola o sentido de sua formação profissional, política. Enfim, que ele possa dizer mais tarde a mesma coisa que eu estou dizendo hoje, obrigado Escola Técnica Federal que hoje é IFE São Paulo.

(Aplausos)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT– Então vamos lá. Agora vamos passar a um texto do Urariano que era colega do Eremias à época aqui na escola e ele fez um texto sobre Eremias para Eremias, para a família do Eremias e para vocês, para a sessão de hoje. Vamos passar então à leitura do texto do Urariano.

A SRA. VIVIAN MENDES – Boa noite a todos e todas. Eu sou Vivian Mendes, assessora da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo Rubens Paiva.

“Um depoimento sobre Eremias Delizoicov - Urariano Mota.

De fato, as impressões digitais de Eremias Delizoicov já estavam confirmadas pelo datiloscopista da Delegacia de Crimes Contra a Pessoa de São Paulo, no dia 11 de dezembro de 1969. Olho uma foto do anexo 1 do livro “Dossiê dos mortos e desaparecidos a partir de 1964”.

Na foto, não reencontro Eremias. A imagem é de um cadáver de 18 anos perfurado de balas, o rosto irreconhecível porque só uma ferida, os cabelos, tão úmidos, tão grossos por coágulos de sangue, que fazem a impressão de Eremias flutuar no chão seco. Nada havia naquele cadáver que lembrasse o jovem que eu conhecera. O menino que eu vira em 1968 não anunciava aquele fim. Eremias não era aqueles olhos apertados, a boca aberta à procura de ar, a lembrar um afogamento. Um estranho peixe, com os cabelos a flutuar no seco.

Essas fotos dos mortos da Polícia Técnica são bem falsas na sua chocante realidade. Das simulações pornográficas estas são as mais mentirosas. É impossível discutir aqui a perversão das lentes da câmera, a direção que a mente acostumada à perversão dá a estas lentes, a convergência do fotógrafo com a perversão. Ou mesmo discutir o defunto dessas fotos como uma perversão.

Nessas fotos, defuntos se apresentam como a encarnação da morte, quando deveriam ser apenas o resultado natural da morte. Esses fotógrafos do Instituto da Polícia Técnica são homens bem medíocres. São amantes e diretores de filmes de terror de quinta categoria. “Vesti azul, minha sorte então mudou. Vesti azul, minha sorte então mudou”, não, não pensem que enlouqueci. Há uma coerência entre essas canções despreziosas, alegres, leves, e os cadáveres dos que chamam “terroristas” no Instituto de Polícia Técnica. Não pensem jamais que vicejam hinos do Drácula em épocas sombrias, de repressão. Pelo contrário.

Um ano antes daquelas fotos, eu conheci Eremias Delizoicov na Escola Técnica Federal de São Paulo. Um anos antes de ele virar um estranho peixe. Eremias era um menino que desejava ser homem, como todos os meninos da nossa idade. Ele foi a minha salvação no meio daqueles meninos burgueses, eu lembro. A Escola Técnica Federal de São Paulo daqueles anos possuía alunos da elite econômica do Brasil.

Certo dia, percebi que um jovem gordo, que se vestia com blusões de couro tão natural como uma segunda pele, era filho do dono da Aços Villares. E eu então me encolhi mais em minha camisa de algodão, nos 10 graus do inverno paulistano. A conversa daqueles alunos toda era sobre carros, motos, motores, esportes.

Onde um amigo, uma alma, um leitor, um irmão que entendesse e falasse sobre Platão, Descartes, os grandes inventos da humanidade, a música de Chopin? Quando me perguntavam sobre máquinas, potências de motores, eu lhes respondia que mais me preocupava “O Discurso do Método”, de René Descartes. Um ridículo imenso caía então sobre o nordestino doído. “Pensam que a pobreza é lixo, e que rapaz pobre não tem coração”.

Não, não pensem que enlouqueço ao lembrar essas canções melosas, adocicadas, daqueles férreos anos. “Estava na tristeza que dava dó, vivia amargamente e andava só”, lembro, tão nitidamente quanto lembro a diferença, o contraste dessa canção com a vida que não poderia brotar, de um mundo reprimido e coroadado naqueles anos. “Que o azul é a cor do céu, e do seu olhar também. Então eu fiz charminho e acrescentei: Vesti azul, minha sorte então mudou”, cantava Simonal. Porra nenhuma mudava. “Porrrrrrrrra nenhuma!!!” Então eu não dizia “*porra*”, porque isso significava manifestação de espírito inferior. “Vesti azul”, e por não ter camisa azul, procurava o azul do espírito. Uma coisinha estúpida, a procurar uma alternativa que não fosse pular da vida afora.

“Você já leu Marx?” Eremias uma vez me perguntou. Eu me virei para o intruso nas minhas divagações, na hora do recreio, no pátio, porque à direita de Deus eu pensava andar, na mais torpe danação. Olho o intruso e vejo um jovem louro, baixinho, forte, com um ar permanente de sorriso na face. Aquilo não era bem uma pergunta, aquilo era uma provocação, de imediato percebi. Mas era bem melhor que ouvir falar do modelo do último carro.

Já, claro. Quem não leu é estúpido, eu lhe respondi. “O Manifesto, você leu?” Eremias volta. Não, O Manifesto, não. “Então leu o quê?” Ah, ah, já li muito Marx, apresentado por Hegel. “Ah, muito interessante. Hegel nasceu antes de Marx, sabia?”

1 x 0. O time da casa, que falava para vocês, perdeu de frente. Ao escrever agora, não resisto ao impulso de desejar o impossível, que fôssemos mais maduros em 1968. Se não maduros, pelo menos profetas, leitores do futuro, videntes, para acabar com aquela discussão absurda, de competição, de dois jovens que gostavam de ler, e estavam condenados, o paulista, a um ano mais de vida, e o pernambucano a um vazio incapaz de completar esta frase.

Naquela altura, eu ainda não havia lido Politzer, que fazia uma revisão da filosofia a ponto de deixar os jovens com a impressão de que eram uma etapa superior a todos os filósofos. Eremias, talvez, sim. Politzer era um passaporte para a ação, uma etapa necessária para que os estudantes dissessem estar preparados para as tarefas práticas e teóricas do socialismo. Eremias já era um militante em 1968, aos 17 anos, sei hoje, pelos registros históricos. Daí que eu concluo, sim, com certeza, ele já passara por Politzer.

É claro que eu sei, você não entendeu, eu lhe disse. E continuei, a gaguejar. Refiro-me a Marx apresentado por Huberto Rohden, você conhece? Ele contesta Marx com Hegel. “Que confusão! Quem é esse ilustre senhor? O quê?”

O irmão de Eremias diria, anos depois, que ele passara a questionar a realidade brasileira ao ler a “Geopolítica da Fome”, de Josué de Castro. Isso quer dizer, vejo agora, que Eremias opunha questões mais substantivas às divagações metafísicas de um jovem na garoa paulistana.

Naquela hora eu não via isso. Estava diante de mim um jovem a sorrir, que eu pensava estar a sorrir de mim, a zombar de uma pessoa que oferecia todos os motivos para a zombaria. Mas agora vejo diferente. Talvez a morte torne as pessoas mais virtuosas, mais razoáveis e transparentes à humanidade. Se não todas as mortes, pelo menos algumas dão um vulto a essas pessoas que antes não víamos.

Eremias morreu como um herói, permitam-nos dizer. O aparelho onde estava caíra. O aparelho fora entregue por um outro jovem preso, que não suportara as torturas. Cercado por forças do Exército, Eremias sozinho resistiu. Resistiu à bala, sem nenhuma esperança. A distância nos permite dizer que ele, naquele tiroteio cerrado, chamava a atenção dos demais companheiros, que aquela casa havia sido denunciada. Que a casa não era mais segura, para ninguém.

Outra hipótese que nos ocorre é a de ele saber que não havia mais saída, se caísse vivo. A saber, não haveria mais saída de continuar vivo, sem delatar, como ele próprio fora delatado. Mas não. A esperança é bêbada e louca. No meio da luta, ele poderia ter pensado, quem sabe? Eu sou mais esperto que a repressão, eu posso me entregar e sair vivo. E sair dali algemado, sob muitas porradas e pontapés e ferimentos,

mas sair algemado. Talvez, na esperança, ele poderia ter gritado, “não atirem! Eu me entrego”.

E ser igualmente morto, sob torturas, nos centros especializados do Exército. Mas até chegar a esse ponto, ele possuiria uma esperança. No entanto, no lugar de se render, há testemunhas disto, ele passou a atirar com a força e a inexperiência da sua juventude. Então o mais provável é mesmo a hipótese heroica, a hipótese do sacrifício pessoal aos 18 anos, para que outros companheiros não caíssem, como ele, alvejado como um peixe jamais visto. Um peixe estranho, a flutuar com os cabelos encharcados, escurecidos do sangue coagulado, com os olhos fechados a flutuar no chão seco. Por enquanto, na Escola Técnica, não. Eremias me olha, provocativo, e me questiona, enquanto discorro sobre o mundo metafísico, das mônadas e dos valores espirituais.

“E Graciliano Ramos, que me diz?” Ele me pergunta, um ano antes da sua morte.

Então se funda a unidade entre nossas pessoas. Não tanto por Graciliano ser um nordestino. Muito menos por Graciliano ser um clássico, mas porque passamos a falar sobre uma base comum, sobre uma admiração comum, sobre uma identidade que parecia impossível entre um imigrante de Pernambuco e um paulistano da metrópole.

Eu dizia há pouco que talvez a morte fizesse as pessoas mais humanas, à distância. E que talvez por isso eu acreditasse que Eremias não zombasse de mim àquela hora. Mas não, a minha certeza agora vem de fatos da sua vida, anteriores à sua morte.

Em um perfil desenhado dele, o seu irmão afirma que Eremias passou a devorar os livros de Aluísio de Azevedo, de Jorge Amado e Graciliano Ramos. E que ele se impressionara vivamente com a poesia de Augusto dos Anjos.

Ora, um jovem que lê tão cedo e ama tais autores está longe de rir e fazer chacota de um adolescente com uma camisa de algodão fino, no inverno paulistano. Ele próprio já é uma diferença rara, em meio a outros jovens, de blusão de couro, forrados com pelo de urso, que contam vantagem dos modelos importados de carros e das viagens aos países que jamais alcançaremos. Se Lombroso fracassou na sua

investigação das pessoas a partir das características físicas, acredito que não fracassaremos nós em conhecer alguém pelas leituras e livros que ama.

Então reconheço que Eremias já era grande antes do seu feito final. Mesmo que Eremias levantasse os braços e saísse gritando, “não me matem, eu me entrego!” Então ele seria uma coisinha estúpida a balançar sob os balanços nervosos numa câmara de tortura. Algo tão estúpido quanto.

Vitoriosa, a Revolução de 1964 nos assegurou perspectivas mais nítidas de convivência e a tolerância com limites. Ela nos passa a silente mensagem de que, a qualquer tempo, atentos e preparados, estaremos prontos para a defesa da democracia.

Ao fim e por fim, esses comunicados querem nos fazer crer, Eremias Delizoicov, que a nossa sorte então mudou. Um autêntico “Vesti Azul” de primeiro de abril. Se vivo estivesse, você diria que Simonal cantava isto em melhor prosa.

Por isso eu digo, porque intensa é a cobrança da memória, e tão intensa é a cobrança que faz do dever um direito. E por isso, ao fim, não serei inútil, deixando passar em vão a hora deste direito. Eremias Delizoicov, presente”.

(Aplausos)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT– Demétrio Delizoicov, irmão de Eremias.

O SR. DEMÉTRIO DELIZOICOV – Boa noite. Essa leitura da homenagem que é Uranir o nome do colega, não é? Vivian, Urariano? Essa leitura nos faz trazer à vida ao invés do episódio anterior que relatou a morte. Portanto, eu vou resgatar a vida do Eremias nessa fala bastante breve que eu pretendo fazer.

Antes queria agradecer em nome, em meu nome e nome da minha mãe, meu pai é falecido, faleceu em 2010, do grande presente que o Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia nos oferece. Penso que é uma homenagem bastante significativa.

Queria agradecer também a oportunidade de estar aqui neste momento, nessa articulação da homenagem do Instituto Federal e da Comissão da Verdade. Nós tivemos uma sessão, uma sessão hoje à tarde bastante parecida como essa, onde algumas reivindicações da família foram feitas e espero que o encaminhamento da Comissão da Verdade do Estado do Estado São Paulo possa levar a reivindicação na articulação com a Comissão da Verdade Nacional.

Como vocês viram, ao longo de 25 anos meus pais procuraram, digamos, regularizar, se esta palavra é conveniente, a situação da morte do Eremias.

Mas mesmo assim, há 2 reivindicações que pelos meios jurídicos estão disponíveis, os meus pais não conseguiram, um deles é o registro no atestado de óbito da selvageria cometida com o fuzilamento que ocorreu.

E a segunda reivindicação é em relação ao corpo de Eremias que nunca pode ser visto após a morte, mesmo depois de que oficialmente foi dado ele como morto, toda a situação do cemitério onde a ossada foi incinerada não foi informada para a família. Então, essas duas situações ainda precisam ser esclarecidas.

Bom, eu disse que não ia falar da morte, só para esclarecer falei, então vou falar um pouco da vida dele. Não sei se conseguirei ser tão brilhante quanto o colega que acabou de fazer a homenagem, muito embora ele tenha me citado em algumas situações, particularmente em relação ao interesse de Eremias na leitura e como a leitura dessas, desses livros mencionados influenciaram o modo de pensar dele e de atuar junto à sociedade e outros colegas, eu vou ousar então fazer uma breve fala. De longe sei que vou perder do que foi lido, *né?*

De qualquer forma o Golpe Militar quando foi realizado em 1964, Eremias tinha 13 anos, ele nasceu em 1951. Nesse período ele já era um estudante de música e um esportista com muitos predados. Em 1962 ele era um judoca e venceu um campeonato paulista de judô na categoria dele, em primeiro lugar.

Já nesse período ele estudava música havia 2 ou 3 anos. Ele estudou violão clássico e também tocava música popular. Na minha compreensão é que neste período através da música e da música popular surge um senso nacionalista muito grande.

As pessoas que se parecem fisicamente comigo, não é? Talvez recordem que nos anos 1960 havia uma certa, o mercado musical dava uma preferência muito grande para determinados tipos de música com alguma reserva, algum detrimento em relação à música popular brasileira, pois Eremias se engaja como um aficionado pela música popular brasileira.

E, ao tocar violão, além do violão clássico, também se dedica à música popular brasileira. Aliás tem um violão aqui, que foi dele. Ele teve vários violões, e por vontade de meus pais eles gostariam que alguém tão virtuoso quanto ele pudesse tocar o violão.

Então esse, faz 40 anos que este violão está guardado, eu não sei das condições dele. Esse violão não era o violão de concerto que ele utilizava, o de concerto já foi dado para um outro violonista, esse é o violão elétrico que ele utilizava no momento da vida em que ele, junto com um pianista e um baterista, procurou fazer um trio, as pessoas daquele período devem se recordar dos trios de música popular brasileira. Vários deles ocorriam.

Então ele, 16 anos esse período, ele tinha então, organizou, se juntou com outros colegas, inclusive a casa dos meus pais onde havia ainda um piano era o piano onde o colega, onde se faziam os ensaios.

Mas dizia, então, essa característica do Eremias fazia com que ele passasse a ter um nível de consciência ao começar a militar no movimento estudantil.

Eu vou fazer um breve relato do que acontecia naquele período, um avanço para o período atual tendo em vista que muitos de vocês fazem cursos de licenciatura, serão professores nas áreas de, particularmente na área de Exatas, física, química, biologia. Eu sou um professor de física, ou fui, hoje atuo no programa de pós-graduação em Educação Científica Tecnológica.

Neste período, no qual Eremias começa a militar no movimento estudantil, nós ainda tínhamos escola de poucos para poucos. O Estado era obrigado a fornecer simplesmente 4 anos de escolaridade para toda a população. Entendemos então o nível de analfabetismo que dominou e ainda domina grande parte da população brasileira há cerca de 50 anos.

O salto que pretendo dar é, neste momento, a escolaridade básica se constitui em 12 anos. Essa situação é fruto de uma série de movimentos, de reivindicações onde muitas pessoas e organizações sociais e também o Estado interferiram.

Parte disso tem a ver com o movimento estudantil que nos anos 1960 se organizava. Particularmente, o que chamou-se na época, no final dos anos 1960, o acordo MEC-USAID que entre outras coisas pretendia implementar, além de uma reforma na educação brasileira, a minimização, senão a eliminação da escola pública.

É nesse momento então que a gente pode começar a entender dada essa sensibilidade artística e eu diria política, não é? Ainda em formação do Eremias o faz junto com outros colegas que também pensavam que a educação deveria ser, primeiro diferente do que era e segundo, uma oportunidade maior para aquelas pessoas que ainda não tinham e não tiveram acesso à escola. Portanto, muito diferente da situação de hoje.

Hoje nós temos uma escola, um acesso democratizado, pela qualidade nem tanto. Então, este instituto tem um papel fundamental na formação de futuros professores para que a qualidade da educação que está sendo oferecida propicie transformações e não só empregos, não é? Ainda que sejam legítimos os empregos e o interesse dos jovens em se formar para ter empregos.

Retomando então o período da ditadura, Eremias juntou-se com outros colegas, se envolve no movimento estudantil primeiramente motivado pelas questões educacionais quanto ao acordo MEC-USAID e se aglutina então neste período.

Refiro-me a 1966/1967, estudantes secundaristas de várias escolas da região, particularmente da Zona Leste onde nós nos formamos, organizam, então, um movimento estudantil daquela região, entram em contato com estudantes secundaristas de outras regiões de São Paulo e resolvem então, organizar o movimento de tal forma que pudessem concorrer a uma chapa da União Paulista de Estudantes Secundaristas.

A motivação básica ainda era as reivindicações estudantis, paralelamente a uma formação, eu diria política, no sentido que o colega dele chamou a atenção para a leitura daqueles livros.

A picardia do Eremias em ter brincado, parece que seriamente com este colega, reflete bastante a personalidade dele. Ele era também um gozador. Além de ser sério nas

coisas que fazia, era um gozador e namorado também. As informações é que ele era o terror das meninas do pedaço.

E um caso muito interessante nesta fase provavelmente em que ele estava questionando este colega, no primeiro dia ele aparece em casa com uma namoradina nova, apresenta para mim, para os meus pais e fala, essa aqui, eu não me lembro mais, o nome da menina é tal, “filha de operário”. Menina com predicados, inclusive muito bonita, muito jeitosa. Adolescente como ele, talvez não mais do que 16 anos.

E a noite conversando com ele, mas escuta, porque essa ênfase “filha de operário”? “Eu já estou com o saco cheio de gente da burguesia”, foi essa a palavra dele. “Quero conviver um pouco com proletários”.

Passa então a ter um certo amadurecimento. Esta situação reflete um pouco isso de deixar de ler e melhor entender aspectos da sociedade brasileira. Via a leitura desses livros mencionados Josué de Castro, Aluísio Azevedo, e se aprofundar nas questões um pouco mais profundas de compreensão da realidade, daí a citação de Marx e outros.

Estamos em 1966, ele, junto com outros colegas, organiza um movimento na escola em que estudava, o MMDC. Nesse momento ele fazia o curso clássico à noite, ao mesmo tempo que faz, na época, aquilo que chamava-se “vestibulinho” ou senão o sistema de ingresso para Escola Técnica e passa a cursar a Escola Técnica em 1967. Fazia o curso clássico à noite e durante o dia o Curso Técnico.

Penso que foi “covardia” o que ele fez com o amigo porque essas leituras de filosofia, ele tivera a chance de estudar no curso clássico com os professores do MMDC e o curso técnico, penso que ainda hoje é assim, espero que tenha sido incluído em algum momento a disciplina de filosofia, estava longe, naquele período, desse tipo de reflexão. Se dizia que era um ensino não só tecnológico, mas com uma concepção de educação que tinha a ver com a tecnologia educacional.

Quer dizer, não só o veículo, não só o conteúdo era de cunho tecnológico, mas o próprio veículo, a própria concepção de formação se resumia a uma concepção, na época, chamada de Tecnologia da Educação.

Eremias então ao organizar junto com outros colegas este movimento no MMDC, um movimento grevista, ele é convidado, bastante autoritariamente, a ser

transferido do MMDC. Felizmente no Colégio Firmino de Proença havia pessoas um pouco mais lúcidas, iluminadas, não tão reacionárias e conservadoras como a grande maioria daquele período, 1966, no MMDC e aceitaram a transferência.

Então Eremias continuou estudando o curso clássico à noite no Firmino de Proença. Para não cometer injustiças, o MMDC tinha sim, professores, quero crer, igual ao colega aqui que fez o depoimento enquanto professor de Eremias nesta escola, que também resistiam à ditadura militar.

Havia professores sim, que também militavam dentro do possível, com apoio inclusive aos movimentos estudantis. Mas não com a intensidade que acabou ocorrendo no Firmino de Proença no período em que Eremias se transfere.

Continua estudando, militando, tocando violão e praticando esportes. Acordava às 4 horas da manhã neste período para ser um remador do Corinthians. Acordava às 4 horas da manhã, ia praticar o seu remo. Deslocava-se para frequentar aqui a escola, à tarde, durante o dia, se organizava politicamente nas reuniões com o seu grupo e à noite frequentava o MMDC.

Nesse período já estava também em vias de profissionalização. Em que sentido? Já não era só um estudante, era um estudante que, por opção, militava no movimento político.

Em 1968 com as grandes movimentações estudantis de São Paulo Eremias entra em contato também com as articulações do movimento estudantil, com as greves dos operários de Osasco. Este período um pouquinho antes ou neste período que ele então passa a ter a namoradinha que era filha de operários. E leva o apoio dos estudantes, dos estudantes da época o movimento dos operários de Osasco.

Desta situação, para passar para algo de resistência mais organizado e mais ampla que não se limitasse não só ao movimento estudantil e também ao que se chamava na época Luta Operária, e com a edição do Ato Institucional número 5 de dezembro de 1968, Eremias e o grupo com o qual militava, que realizava este tipo de trabalho, pensam em fazer algo um pouco mais consistente na compreensão deles.

A resistência já não poderia ser, na compreensão deles, simplesmente através de ações, discursos, passeatas e greve. Resolvem então este grupo, um grupo de cerca de

talvez 2 dezenas de estudantes secundaristas da Zona Leste, a integrar então a Vanguarda Popular Revolucionária, de tal modo a iniciar a luta armada de resistência no Brasil. O resto é história e parte delas vocês já ouviram aqui hoje. Era isso o que eu tinha para falar.

(Aplausos)

A SRA. VIVAN MENDES – Eu queria aproveitar a oportunidade para dizer que a família do Eremias doou este violão para a Comissão da Verdade de São Paulo para que a gente possa restaurá-lo, cuidá-lo, e deixá-lo em um local onde as pessoas possam ter mais acesso a esta parte da história, não é?

E a gente queria aproveitar e em nome da Comissão da Verdade agradecer imensamente à família do Eremias por mais um gesto de generosidade. Obrigada.

(Aplausos)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT– Eu queria só combinar o seguinte, são 21h04min e nós vamos encerrar o ato rigorosamente às 21h30min. Então, agora vai ter a parte sindical, a parte dos colegas, das entidades e então eu queria pedir o seguinte, que a gente, se vocês concordam, que a gente ficasse rigorosamente até 21h30min, e ouvisse, porque também chegou a Delegação de Cubatão, viu Demétrio?

O Centro, o Diretório Acadêmico lá de Cubatão tem o nome do Eremias. Queria até pedir para o Felipe Queiroz que viesse para a Mesa, que ele também está chegando lá com o pessoal de Cubatão, para que compusesse a Mesa e ficasse conosco aqui para a gente, para a fase final do ato.

Então, para que todo mundo organize os tempos, é o seguinte, quem vai falar? A professora Guiomar pela Comissão da Verdade da UNIFESP, o Grêmio, o SINASEFE,

os dois companheiros do SINASEFE que estão aqui, e nós, aí nós vamos para a parte final.

Então eu estou querendo fazer o agradecimento antes da parte final à Reitoria do Instituto Federal. O reitor tendo vindo nos receber, a diretoria geral do campus, os professores, agora a chegada do pessoal de Cubatão, do Diretório Acadêmico Eremias. O SINASEFE e o Grêmio Livre Charles Chaplin. Então, eu vou passar a palavra para a professora Guiomar, da Comissão da Verdade da UNIFESP.

A SRA. GUIOMAR SILVA LOPES – Boa noite a todos e a todas. Quero cumprimentar à Mesa, ao familiar do companheiro Eremias Delizoicov. É uma honra participar deste evento mostrando que este companheiro teve uma vida tão intensa, se empenhou de uma forma tão, jogou toda a vida dele na luta revolucionária e foi, de uma forma tão brutal, assassinado.

Mas hoje a gente pode estar aqui levantando toda esta história devido ao incansável esforço e o trabalho da Comissão de Mortos e Desaparecidos e da Comissão da Verdade de São Paulo, de maneira que nós conseguimos ter essa aparência, trazer à tona todos os fatos.

Eu não conheci pessoalmente o companheiro Eremias, mas eu sei que ele foi um militante muito importante que intensificou toda a sua, se empenhou na militância clandestina, na luta revolucionária e eu acho que a Comissão da Verdade da UNIFESP, Universidade Federal de São Paulo, quer compor, de forma que a gente possa alinhar todos os fragmentos e construir essa história em toda a sua dimensão. A gente construir este período e esclarecer todo este período em toda a sua dimensão.

Então, eu me sinto muito honrada de estar aqui, de poder reverenciar este companheiro e agradecer a todos. Obrigada.

(Aplausos)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT– Eu quero esclarecer que a professora Guiomar além de estar aqui nesta Mesa representando a Comissão da Verdade da UNIFESP, portanto uma instituição federal, ela foi presa política e foi uma das pessoas mais torturadas que houve que houve nesta terra. Inclusive ela nem ficou presa e torturada nas dependências oficiais do DOPS e DOI-CODI, ela foi transferida para um sítio da repressão em Parelheiros e ela foi torturada quase até a morte, mas ela continua como vocês vendo, resistindo e lutando para que estas coisas sejam esclarecidas.

Então, eu vou passar a palavra para a companheira do Grêmio da UNIFESP, a companheira, perdão, Aline? Fala o seu nome, desculpe.

A SRA. ALINE BAILO – Aline. (Risos.)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT– Aline.

A SRA. ALINE BAILO – Boa noite a todos e a todas. O meu nome é Aline, hoje eu vou participar dessa atividade representando o Grêmio Estudantil Livre Charles Chaplin. A gestão “construção coletiva”, uma gestão recém-eleita também e representando a FENET que é uma Federação Nacional dos Estudantes do Ensino Técnico.

Gostaria de saudar a todas as pessoas na Mesa, o irmão do Eremias e agradecer por esta atividade estar sendo organizada aqui, porque esta atividade, para nós da instituição e para o movimento estudantil, para todos os movimentos sociais, ela é muito importante porque mantém viva a história da nossa juventude que lutou no nosso país por um país mais democrático e justo.

Então, para começar a minha fala, começar dizendo que na verdade o Eremias não foi o único estudante de Ensino Técnico que passou por isso. Teve o Osvaldão do que é hoje Instituto Federal, O CEFET/RJ, o José Montenegro de Lima que era da

escola que é hoje o Instituto Federal do Ceará, que se organizou politicamente para transformar a nossa sociedade.

Em especial hoje que é o nosso homenageado, o Eremias, que foi um estudante deste campus como qualquer estudante que a gente tem hoje e que o seu diferencial foi principalmente ser engajado. Engajado não só nos esportes, mas na cultura, mais politicamente no movimento estudantil.

E a sua motivação, como contaram a história dele, foi de ter uma grande indignação e senso de justiça em querer transformar a sociedade. Em lutar para derrubar a ditadura militar.

E o que a gente do grêmio estudantil, a gente se reuniu para se preparar para esta atividade, a nossa opinião é que a gente precisa de mais estudantes como o Eremias que se dediquem, dediquem parte de sua vida a transformar uma sociedade, a transformar a nossa sociedade em algo mais justo.

E é graças ao Eremias que hoje nós temos condições de não fazer só este debate, mas dos grêmios estudantis dos centros acadêmicos, do sindicato e de todos os outros movimentos sociais poderem se organizar e serem legítimos na nossa sociedade.

Por isso que a nossa opinião é de que é muito importante nós participarmos das nossas entidades representativas que é nestes espaços, com estas ferramentas que todos nós temos melhores condições de resolver coletivamente, de conquistar coletivamente as injustiças que ainda faltam ser conquistadas na nossa sociedade, porque a nossa democracia ainda é muito limitada e faltam muitos direitos ainda para a gente garantir para os nossos estudantes e para todas as pessoas.

Então, na nossa opinião, esta atividade da Comissão da Verdade, ela faz muito mais do que contar a história do Eremias, mas de 3 coisas principalmente. Em primeiro é o encontro da nossa juventude com a juventude do Eremias, com o encontro da nossa juventude com os seus contemporâneos de uma época não tão distante, mas que a mídia e que a história como é contada hoje faz questão de desvincular. Não mostra e não ensina que as reivindicações, as discordâncias e principalmente os sonhos dessas juventudes, elas são idênticas. Educação de qualidade, é moradia, é saúde, é direito, e com certeza a liberdade.

Em segundo lugar, a partir do momento que a gente conhece a nossa história a gente tem condições melhores de se cobrar uma justiça mais efetiva, porque a gente falar da história do Eremias não é suficiente. O Estado Brasileiro reconhece que cometeu estes crimes, mas a partir do momento em que a gente conhece a história, nós precisamos convencer as nossas instituições, as nossas organizações estudantis e políticas, todos os movimentos sociais a cobrar que o Estado Brasileiro puna as pessoas.

Porque a gente precisa saber da história para punir esses responsáveis, os responsáveis que torturaram, aqueles que mandaram torturar, aqueles que esconderam os corpos e mostrar, porque gente, a gente está falando de uma época, de uma ditadura que já passou, mas existem muitas pessoas na nossa sociedade que ainda acham que este tipo de organização do Estado, que este tipo de atitude ainda é válida. Porque como o nosso diretor falou, existem muitos Amarildos por aí.

A gente vê que a ditadura militar ela não deixou só resquícios, mas ela ensinou o Estado a reprimir as pessoas que como o Eremias, que como lutaram contra ditadura militar e que hoje lutam por outras coisas, também por direitos, são muito reprimidas. Então, em segundo lugar a gente precisa aprender a nossa história para a gente conseguir punir e para a gente não deixar que isso aconteça novamente.

E em terceiro lugar, para educar a nossa geração não aceitar nunca mais um tipo de sociedade que destrói fisicamente os seus opositores e, principalmente, educar a nossa geração, os estudantes da nossa escola que a organização política das pessoas nas suas entidades é a ferramenta mais poderosa que a gente tem para nunca mais deixar uma ditadura militar chegar no nosso país e para a gente conquistar todos os direitos que ainda faltam na nossa sociedade, na nossa educação e em todos os espaços.

Então a gente precisa, nossa opinião do Grêmio, é de que nós precisamos ter muito mais, muitos mais Eremias na nossa escola e em toda a sociedade porque faltam muitos direitos e é com base no exemplo de vida e de atitude prática do Eremias que a gente vai ter condições de vencer e de conquistar o que ainda falta para todos nós. Obrigada.

(Aplausos)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT– Então, para concluir, como o professor Valdir falou que a coisa que a gente tem que valorizar é a atividade sindical, 2 dirigentes sindicais do SINASEFE, o Paulo Bonfim e o Felipe Queiroz. O Felipe Queiroz, diga-se de passagem é um dos proponentes e organizadores desta cerimônia. Com a palavra o Paulo Bonfim.

O SR. PAULO BONFIM - Boa noite. Obrigado pelo convite. Agradeço aqui por participar da composição da Mesa, agradeço a todos vocês, boa noite a todos vocês, boa noite a todos os que estão aqui presentes.

Na verdade ouvir todo este relato do Eremias é pensar em vários aspectos na fragilidade ainda como foi dito da nossa democracia. Há tanta coisa para a gente conquistar ainda.

Por outro lado o sindicato ele tem como uma base muito forte e ele não poderia desistir sem pensar na luta de classes. Luta de classes que a ditadura militar eliminou, eliminou fisicamente, ela eliminou ideologicamente também. Fez com que todos acreditassem que a luta de classes, que reivindicar os nossos direitos eram coisas subversivas, eram coisas que deveriam ser postas para debaixo do tapete, eliminada, não é?

No Brasil que até hoje a gente está tentando construir a nossa democracia, a gente tem um período muito longo, nós temos períodos muito longos de ausência de democracia, mas nada como, na minha opinião, nada como esse período triste da nossa história que foi a ditadura militar. É muito tocante para mim, ouvir uma história como a do jovem Eremias que, e tantos outros Eremias que tão cedo, não é? Perderam as suas vidas e de maneira tão brutal, por um Estado que se dizia onipotente, que se assumia como onipotente, que se dizia como dono da verdade.

Quer dizer, as associações como a nossa associação sindical, associações estudantis, movimentos quaisquer que fossem, eles não existiriam naquele tempo, não é? Isso é muito importante para que vocês, jovens principalmente, mas jovens que estão aqui presentes, pensem nisso e entendam no movimento da história, no movimento das ciências humanas a questão principal que é entender como estas coisas aconteceram,

como estes tristes casos aconteceram, como eles jamais devem acontecer, mas jamais, desculpem, jamais esquecer destes fatos.

A lembrança destes fatos é fundamental para quê? Para que nós não nos sintamos mais enganados, para que nós possamos nos anos seguintes, nos próximos anos, nos próximos tempos saber tomar as nossas decisões. Saber ir à frente, saber reivindicar, não esperar passivamente as coisas acontecerem também.

Os movimentos aqui que o Brasil tem vivido nos últimos tempos mostram muito isso, não é? Mostrar que a gente deve fazer a nossa história e não deixar que outros façam porque os outros que vão fazer história podem ser outros como estes que fizeram esta história trágica da ditadura militar no Brasil.

Então eu falo para o público mais jovem que está aqui, para os alunos principalmente, eu também sou docente, para que a gente pense isso, está nas nossas mãos, deve estar nas nossas mãos as decisões e as lutas. Lutar é algo muito importante, é muito corajoso também. Mas nós temos que ter esta coragem, esta coragem de lutar, de errar muitas vezes nas nossas lutas, de acertar em outras, não é?

É com posições como estas que a gente vai conseguir construir melhor, alicerçar melhor a democracia no Brasil. Eu acredito nisso, de que a gente vai varrer para o lixo da história, mas sem esquecer disso, o que foi este período terrível da ditadura militar.

Como eu falei, para mim é muito triste ouvir, foi a primeira vez que eu ouvi um relato como esse da história do Eremias. Para mim é muito tocante, deve ser tocante para todos nós, todo mundo deve se sentir sensibilizado, deve se sentir armado politicamente também para lutar por isso. Para que o que a gente já conquistou até agora nesse ano de 2013, a gente possa consolidar isso, falta isso: consolidar. E, a Comissão da Verdade tem feito esse papel assim, fundamental, eu diria, não é? Papel fundamental de trazer à tona essa, não propriamente essa história, não é? Mas toda essa, todo esse drama, não é? E as circunstâncias em que eles aconteceram e outros também que devem estar por aí, certamente engavetados e que a gente precisa saber.

O Brasil precisa ter a coragem, principalmente alguns setores brasileiros, de assumir os seus erros do passado, falta esta coragem para várias instituições brasileiras.

E nós estamos aqui para dizer que tenhamos esta coragem, para fazer com que necessário seja finalmente resgatados e saído das gavetas das tristes memórias, não é?

O Eremias era músico, então diria, se pudesse dizer algo, não é? Que numa das músicas que era muito daquela época, não é? É isso aí, sabe? Os sonhos devem continuar, os sonhos não envelhecem.

(Aplausos)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT– Felipe Queiroz, diretor de políticas sindicais do SINASEFE, servidor do campus de Cubatão.

O SR. FELIPE QUEIROZ – Boa noite a todos. Primeiro eu gostaria de me desculpar pelo atraso, apesar da culpa não ter sido verdadeiramente nossa, são vários outros fatores, principalmente para nós que viemos de longe. E aí são uns turbilhões de emoções e pelo que eu estou vendo eu sou o último a falar, mas vamos ver se vamos dar conta do treino.

Eu vou começar a minha fala com o significado das palavras camarada e companheiro. Segundo a etimologia de cada uma das palavras, camarada quer dizer aquele que respira o mesmo ar e da mesma maneira, companheiro significa aquele que partilha do mesmo pão.

O Eremias numa idade comparável aos nossos estudantes do Ensino Médio daqui, muitos vieram de Cubatão com a gente, se pode ver pela foto, era um menino. Ele na mais tenra idade ele escolheu lutar contra as injustiças de um regime nefasto e sombrio. Tão sombrio que muitas coisas que aconteceram não sabemos até hoje, ou estamos começando a saber agora.

Uma ditadura que se inseriu em um mosaico internacional resultado de sucessivos golpes de estado engendrados pela hegemonia estadunidense em prol do

capital em detrimento dos trabalhadores. Alguns trabalhadores dos quais inclusive ajudamos a formar em nossa instituição.

Pois bem, tal regime impôs consequência sofridas por nós até hoje, um exemplo são os acordos MEC-USAID já citados pela Mesa e nós como sindicato, como SINASEFE, estou falando como diretor de políticas sindicais, afirmo que somos uma expressão da questão social, a mais, o sindicato é a mais elementar organização da classe trabalhadora, daqueles que dispõem unicamente da força de trabalho para sobrevivência.

Então temos assim, a obrigação de considerar Eremias Delizoicov um companheiro e camarada do mesmo jeito que outros como Osvaldo Orlando da Costa e Joelson Crispim que estudaram aqui também em nossa instituição, entre muitos outros, também estudantes da antiga escola técnica.

E continuaremos nas mais variadas formas de resistência e luta para que o estado autocrático burguês aqui no Brasil nunca mais mate, pelo contrário, morra! Eremias Delizoicov, presente!

(Aplausos)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT– Bom, vamos para o encerramento. Eu queria dizer Vivian, quando nós formos fazer, o Valério Arcary está conosco aqui. Ele acompanhou algumas sessões da Comissão da Verdade e da Memória da Convergência Socialista. Quando a Vivian e o Renan, o Renan foi aluno aqui, não é?, procuraram os professores e nós não imaginávamos que vocês iam organizar essa cerimônia à altura, embora jovem, da trajetória do Eremias, não é?

Aqui o Eremias e os 2 primos dele, o Zé Demétrius e o Celso. E às vezes alguém pode perguntar porque nós estamos falando de um período político da história do Brasil e trazemos os familiares para tanto sofrimento, Takao Amano está lá no fundo, para tanto sofrimento. Porque aqui no Brasil se a gente não fizer recontar esta história do ponto de vista da vivificação das pessoas, tendo que trazer os familiares para fazer os

testemunhais, as pessoas não acreditam que a ditadura foi tão absurda ou tem que recorrer à ficção, à ficção. Como o Bernardo Kucinski fez para contar a história de sua irmã e de sua família.

Então, esse ente fascista, essa concepção fascista do mundo, ela se materializou muito forte no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial, e quando veio a ditadura isso aflorou como a expressão máxima da brutalidade, não é? Não são fenômenos ocasionais, esse sentimento de Direita, esse sentimento da impunidade, da crueldade, da tortura.

E esse é o papel da Comissão da Verdade. Então, aprendi com o Renan, que nós temos 3 eixos, a verdade que é a história das vítimas, a memória que é a história das vítimas, a verdade que é a identificação dos assassinos, dos torturadores e a identificação dos mesmos e a justiça que é a possibilidade de puni-los através de julgamentos.

No Brasil com essa mania da transição mansa e pacífica, vários protocolos foram feitos de silêncio. A Lei da Anistia e outros protocolos, o Colégio Eleitoral, outros protocolos foram feitos do pacto do silêncio. E hoje, os fatos que nós estamos discutindo aqui hoje ocorreram há 45 anos, 45 anos. E nós não conseguimos fazer com que esta verdade venha à tona. Quem foram aqueles militares que apareceram como feridos em combate? Um, Capitão Guimarães, que depois de agente da repressão se transformou no principal banqueiro do jogo de bicho do Rio de Janeiro, presidente das escolas de samba do Rio de Janeiro e uma das figuras mais importantes para a TV Globo na organização do carnaval carioca.

Então, essa história precisa ser contada, precisa ser repetida para que não seja mais repetida e os torturadores, os assassinos têm que ser julgados pelos tribunais ou pela história. Ditadura nunca mais! Abaixo a ditadura, viva Eremias Delizoicov! Muito obrigado.

(Aplausos)

A sessão está encerrada.

* * *